

# Gazeta das Caldas 2015



JOÃO DOS SANTOS (DIRETOR) ISMAEL VENTURA (VICE-DIRETOR) JOEL RIBEIRO (COORDINADOR GERAL) JOSÉ ALBERTO (COORDINADOR GERAL) FÁBIA FERREIRA (COORDINADORA) NATÁLIA NARCISO (COORDINADORA) CARLOS OSMAR (COORDINADOR) JOSÉ LUÍS SILVA (COORDINADOR) FERNANDO XAVIER (COORDINADOR) BEATRIZ VICENTE (COORDINADORA) CARLOS REIS (COORDINADOR) CARLA CANO (COORDINADORA) JOSÉ CÉSAR (COORDINADOR) SARA LÓPEZ (COORDINADORA) CÁTIA OLIVEIRA (COORDINADORA)

PREÇO: 0,80€ ASSINATURA ANUAL: 22,50€ DIGITAL: 15€

Director: José Luiz de Almeida Silva Director Adjunto: Carlos M. Marques Cipriano

Tel: 262870050 / Fax: 262870058/59

redacao@gazetacaldas.com / desporto@gazetacaldas.com / publicidade@gazetacaldas.com / assinatura@gazetacaldas.com

www.gazetacaldas.com  
facebook.com/gazetacaldas



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS  
AUTORIZADO A CIRCULAR EM MODELO TECNICO DE PLÁSTICO OU PAPEL, POR ABONO DE PAGA, VERIFICAÇÃO PERMANENTE

TAXA PAGA PORTUGAL CCE TAVIERO

## Editorial

**G**azeta das Caldas comemora com esta edição 90 anos de publicação, em que chegou todas as semanas aos seus leitores, com poucas excepções (que tiveram lugar nos difíceis tempos a seguir à instauração da ditadura corporativa em 1926 e depois nos tempos do racionamento da 2ª Guerra Mundial).

A história deste jornal já foi iniciada há alguns anos por dois historiadores locais, Luís Nuno Rodrigues e João Bonifácio Serra (em <http://www.gazetacaldas.com> podem ser consultados ambos os estudos), havendo ainda outros caldenses que conhecem tão bem como nós ou ainda melhor, as trajetórias percorridas e as crises vividas e ultrapassadas. Contudo, nos últimos 41 anos conhecemos bem a história por dentro.

Se o jornal começou em 1925 sob o signo do regionalismo e da defesa intransigente dos interesses locais e regionais, apesar de integrar pessoas ligadas ao poder instituído localmente, veio depois a atravessar outros momentos em que, declaradamente, a vocação foi dirigida para outros objetivos, como a defesa dos valores nacionalistas e do regime vigente. Mais tarde e depois do final da 2ª guerra volta bastante à sua vocação inicial de regionalista.

Neste período acentuou a sua vocação original para a defesa intransigente dos interesses locais, quando o regime colocou à frente do município um político estranho à cidade e a tratava mal, bem como ao concelho e à região, ou seja, de forma menos apropriada e prejudicando os interesses directos da população a favor de outras cidades e regiões.

Quem percorrer as páginas das edições passadas encontrará momentos em que o jornal mostra uma luta objectiva contra o poder que havia sido nomeado, e que, na opinião dos responsáveis pelo jornal na época, não defendia os interesses próprios dos caldenses e das Caldas da Rainha.

No Arquivo da Torre do Tombo encontramos recentemente documentação de verdadeiras “guerras” de nervos entre o jornal e os serviços de censura em Leiria, com ameaças de multas e mesmo do encarceramento compulsivo do jornal, com correspondência da direcção do jornal queixando-se amargamente aos dirigentes nacionais da União Nacional desse comportamento. Pasme-se e reflita-se em relação às controversas ordens atrilárias dos militares colocados com essas responsabilidades de censura na imprensa e a reacção local por questões apenas de foro regional.

A criação do jornal em 1925 foi encabeçada por dois cidadãos caldenses, Guilherme Nobre Coutinho e Nuno Infante da Câmara, que nos propósitos manifestados nos primeiros números, tinham em vista a defesa e promoção das Caldas da Rainha. Antes da criação deste jornal, houve outro com um nome semelhante, intitulado “A Gazeta das Caldas”, que publicou apenas seis edições entre Outubro de 1922 e 15 de Janeiro de 1923, que tinha como lema “quinzenário noticiário, humorístico e sportivo”. Era dirigido pelos proprietários João de Campos e Abel Augusto dos S. Simões, sendo impresso na Tipografia Caldense.

Como referimos, a sua história atravessou várias convulsões e transformações, tendo alguns meses depois do 25 de Abril de 1974 passado para a propriedade de uma cooperativa de caldenses, que se associaram para assumir o jornal, especialmente do ponto de vista económico e editorial.

Vão passadas mais de quatro décadas e hoje a **Gazeta das Caldas** é um semanário consolidado, sendo o mais antigo do distrito de Leiria em publicação, e

mesmo um dos mais antigos a nível nacional.

Deste último período podemos dar testemunho com mais de 2000 edições realizadas, mostrando essa trajetória que representa um esforço hercúleo para manter uma instituição, especialmente nos últimos anos de crise do país e da Europa, período em que tantos socorram pelo caminho.

**Gazeta das Caldas** tem enfrentado estes tempos com inovações, como a mudança de grafismo, novas apostas editoriais, de que se destaca a edição de variados suplementos que respondem a públicos novos, uma intervenção activa e permanente nos novos meios de comunicação na internet, tudo sem transgredir os princípios pelos quais nos norteamos: independência, intervenção crítica e defesa intransigente dos interesses locais e regionais.

Cometemos erros como acontece com todos, mas o saldo é fortemente favorável, de que são prova os milhares de leitores e de anunciantes que nos preferem e reconhecem um jornalismo sério e sem concessões a interesses partidários, económicos e de grupo.

Somos, com a propecta idade de 90 anos, um jornal respeitável e credível, que sabe afirmar-se num contexto difícil e com uma concorrência múltipla em vários aspectos norteada pela facilidade e pelo preço. Este número representa ultrapassar uma barreira mítica que nos lança na corrida para o centenário. Oxalá consigamos lá chegar. É esse o empenho e o designio da equipa que realiza semanalmente o jornal, como de todos os leitores e anunciantes. Vamos em frente e ousemos criar novos desafios para atingir o objectivo único: servir os leitores! ||

## A palavra aos leitores

Procuramos neste 90º aniversário ouvir alguns dos leitores da **Gazeta das Caldas**, alguns que já ultrapassaram esta bonita idade, outros mais novos, mas já com um historial grande de conhecimento e de vida com o nosso jornal. Nas páginas interiores encontrará testemunhos importantes e significativos que nos enchem de emoção e de satisfação pelo dever cumprido.

Maria Celeste Rehn - “A **Gazeta das Caldas** tem feito o registo da história das Caldas da Rainha”



Augusto Carlos, assinante nº 50 - “Quando estava lá [França], a **Gazeta** mexia mais comigo porque era o meu elo de ligação com as Caldas”



Célia Tavares - “Não sou só eu a ler, em casa todos lemos e às vezes os vizinhos também pedem para dar uma olhadela”



Fernanda Coelho - “É uma maneira de saber o que se passa na nossa terra porque as televisões só falam do que acontece por cá quando são desgraças e na **Gazeta** podemos ler um pouco de tudo”



Lurdes Calado - “Ficávamos sempre muito contentes quando recebíamos a **Gazeta** em França!”



Francisco Crespo - “Sem a **Gazeta** não tinham como saber o que se passa nas Caldas e na região. Seria algo muito triste”



Maria Rosa Fidalgo - “A **Gazeta** é importante para mim pois há coisas que se passam aqui nas Caldas e na Foz e eu, como estou no Painho, não tenho outra maneira de saber o que se passa”



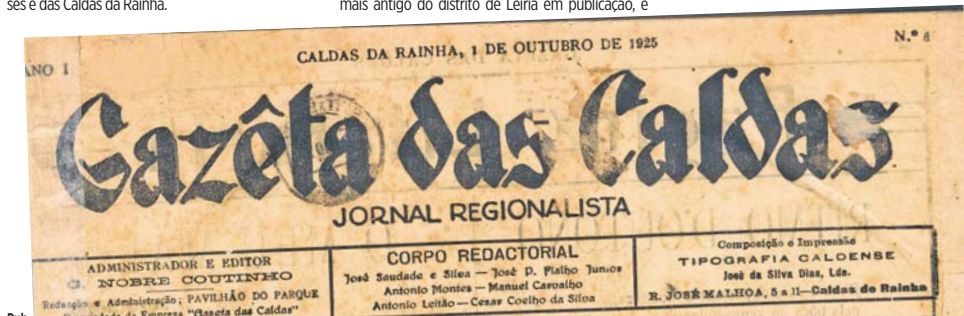
Espeditão Sabino dos Santos Sobral - “Até hoje a **Gazeta das Caldas** foi sempre a minha ânsia de espera”



Maria e José Augusto Tavares - “Há muitas coisas que não sabíamos se não vissemos na **Gazeta**. É um jornal que comunica muitas coisas”



Silvino Felizardo Sousa - “O Zé Povinho traz umas coisas engraçadas...” ||



Pub.

**Intermarché**  
JUNTOS PELO MELHOR E MAIS BARATO

Combustíveis sempre + BARATOS

**NO ANIVERSÁRIO INTERMARCHÉ  
GRATIS UM CARRINHO DE COMPRAS  
AO ACUMULAR 295 € EM COMPRAS  
COM CARTÃO DE 1 A 28 OUTUBRO.**

**APROVEITE MUITOS PRODUTOS A  
PREÇOS IMBATÍVEIS.**

Óbidos nas Gaeiras, perto das Caldas da Rainha

**AUTO-PNEUS GASOLINAS**  
PNEUS \* JANTES \* ALINHAMENTO DE DIRECÇÃO  
**Pneus Novos, Usados e Reconstruídos**  
Tel. 962 371 888 ou 961 721 291 Fax: 262 980 112  
Est. N.º 8 Alfeizerão - Vale Maceira - [autopneusgasolinas@live.com.pt](mailto:autopneusgasolinas@live.com.pt)

**PNEUS DESDE 10€**



# Dar a voz aos nossos leitores

Em dia de aniversário, nada como ouvir o que têm para dizer os nossos leitores mais antigos. **Gazeta das Caldas** falou com alguns dos seus assinantes mais fiéis, um dos quais tem a mesma idade do jornal. Os outros recebem há décadas o nosso jornal nas suas casas, alguns deles quando viviam no estrangeiro.

São pequenas histórias de vida com um denominador comum – o “vício” que representa ler a **Gazeta das Caldas** todas as semanas, o jornal d e que se pode concordar ou discordar, mas do qual os nossos leitores não prescindem.

## “EM PARIS ERA BOM RECEBER A GAZETA, SEMPRE CERTINHA, AOS SÁBADOS”

Natacha Narciso  
nnarciso@gazetacaldas.com

Há mais de 30 anos que Lurdes Calado assina a **Gazeta das Caldas**. “**Ficávamos sempre muito contentes quando recebíamos a Gazeta em França!**”, disse esta assinante que viveu e trabalhou durante 24 anos por terras gaulesas.

A necrologia é a primeira coisa que lê, assim que recebe este semanário na sua casa nas Gaeiras, local para onde regressou em 1993. Logo em seguida, o Zé Povinho. Depois as notícias, sem esquecer os anúncios e algumas rubricas. Gosta do Zé das Papas, da banda desenhada do Bruno Prates e consulta sempre “**o tempo, os filmes que estão no Vivaci e o horóscopo**”. Este último “**anda com uma letrinhas muito pequenas. Mal se lê...**”, critica. Também procura restaurantes novos para conhecer através do jornal.

Leitora assídua, tanto cá como em França, recorda como “**era bom receber a Gazeta, sempre certinha aos sábados, e ler notícias dos nossos Parque ou Praça da Fruta**”, disse Lurdes Calado. Sobre a Praça, acha mesmo “**que é algo único que nós temos**” pois conhece muitos mercados, abertos e fechados, mas não têm esta característica diária e de produtos frescos.

Em França, seguia atentamente a rubrica Estrada de Macadame por lhe lembrar a sua região em tempos idos.

Por saber o que é viver longe das raízes, Lurdes Calado também acha interessante a rubrica “**Novos Emigrantes**”. “**Acho bem que os jovens partam. Além de se aprender outra cultura, vive-se melhor. Os dias estão difíceis hoje em Portugal...**”, disse.

A assinante considera que emigrar foi o melhor que fez na vida pois se não tivesse ido “**não tinha nada do que tenho hoje**”.



Lurdes Calado recordou a alegria com que recebia a **Gazeta** quando vivia em Paris

Lurdes Calado nunca se zangou com a **Gazeta** e acha que as Caldas da Rainha sem o semanário se tornaria a cidade “**aborrecida e triste...**”.

Na sua opinião, “**teriam que arranjar outra maneira para divulgar as coisas que há e que pensam fazer**”. Lurdes Calado sempre leu o jornal em casa e em França gostava de ler cá fora, no jardim da casa onde morava. A assinante tem saudades de de viver em terras gaulesas onde já não vai há três anos.

Em Portugal empalhava garrações enquanto que, em França, teve vários empregos num hospital, numa fábrica e depois como administrativa num escritório. Por lá ficou a filha mais velha e os netos, o que faz com que esta caldense visite Paris frequentemente. ■

## “DOU A VOLTA À GAZETA TODA!”

Natacha Narciso  
nnarciso@gazetacaldas.com

Maria Rosa Fidalgo é assinante da **Gazeta das Caldas** há mais de 25 anos. Na sua opinião este jornal “**é uma referência**” sobretudo para quem está fora. Os seus cunhados estão na Alemanha e “**é através da Gazeta que sabem o que se passa na nossa região**”. E é graças ao facto de receberem este semanário que depois podem conversar sobre as notícias e “**comentar aqueles que já faleceram dado que a única maneira de saber é através do jornal**”, disse.

Esta é daquelas leitoras que lê o jornal da primeira à última página. “**Dou a volta à Gazeta toda!**”, diz Rosa Fidalgo. Claro que há assuntos que lhe interessam mais que outros, mas é do princípio a fim que lê este semanário.

“**A Gazeta é importante para mim pois há coisas que se passam aqui nas Caldas e na Foz e eu, como estou no Painho, não tenho outra maneira de saber o que se passa**”.

Rosa Fidalgo considera que o jornal “**notícia o que se passa na região**” e acha que nos últimos tempos esta tem “**evoluído muito**”. Apesar de estar “**mais magro**” no número de páginas, acha que é algo normal por causa da crise. “**As pessoas não têm tanta disponibilidade para pôr publicidade no jornal... e por isso este acaba por ter menos páginas**”, disse. Recebe a **Gazeta** pelo correio e a primeira coisa que lê é a primeira página. “**Depois vou lendo aquilo que me interessa e vou até ao fim do jornal**”, explicou. A assinante nunca se zangou com este sema-



Rosa Fidalgo lê a **Gazeta** “de fio a pavio” e faz o resumo das notícias ao seu marido

nário até porque vem, anualmente, às instalações do jornal e “**fui sempre bem atendida**”, disse.

Na sua opinião, as Caldas sem a **Gazeta** seria uma cidade “**mais pobre**” pois, poder ler as notícias da cidade e da região “**é uma grande valia deste jornal**”. E vê pela sua terra, o Cadaval que não tem jornal e por isso lamenta que se “**passam muitas coisas no concelho e nós não temos conhecimento**”.

E todas as semanas, se há notícias que considera interessantes, faz um resumo do que se passa ao seu marido António Fidalgo, de 65 anos. “**Se há, por exemplo, uma obra pública em construção, a gente não sabe... Tem que ser tudo através da Gazeta!**”, afirmou a assinante que lê sempre este semanário na sua casa.

Actualmente Rosa Fidalgo é doméstica no Painho. Chegou a trabalhar nas Caldas, na fábrica das calças, durante três anos. Tem dois filhos. O mais novo vive em Lisboa mas o mais velho vive com os pais no Painho e, de vez em quando, também lê a **Gazeta**. ■

## “A GAZETA TRAZ MUITAS INFORMAÇÕES DO CONCELHO”

Isaque Vicente  
ivicente@gazetacaldas.com

Fomos ao encontro de Silvino Felizardo Sousa nos Cabreiros (Salir de Matos). Com 71 anos de idade, Silvino e a mulher, Maria Olinda Sousa, assinaram a **Gazeta** há duas décadas. Na altura até foi a filha, quando emigrou para França, que fez a assinatura. Foi uma forma de os “**manter informados**”, conforme disse Silvino.

Ele vê a primeira página e vai lendo tudo o que lhe desperte a curiosidade e pára, sempre, nas classificações do desporto. “**Normalmente até já sei como estão, mas gosto de ver como vem lá**”, explicou. Ela vai ver a necrologia e as ocorrências.

Não sentem que visual ou graficamente este jornal tenha mudado muito ao longo dos tempos, mas notam que “**é bom que tenha cor porque chama a atenção**”. Silvino Sousa não tem dúvidas em afirmar que o jornal que hoje cumpre os 90 anos “**sempre fez uma cobertura completa**” da realidade local. Actualmente, confessa Silvino, tem “**despertado mais a minha atenção do que na altura em que não ligava tanto**”.

Mas então, o que lhe despertou agora a curiosidade? O facto de “**trazer muitas informações do concelho**”, que gosta de saber.

Em todo este tempo “**só uma ou duas vezes a Gazeta não chegou a tempo e havia uma razão para isso acontecer, acho que foi uma greve...**”, recordou Silvino.

Maria Olinda disse que o casal nunca se aborreceu com o jornal, mas que uma vez lhe bateram à porta para cobrar uma assinatura que já havia pago. “**Fui lá, levei o comprovativo e tinha havido um engano**”, recordou. Silvino gosta de acompanhar a vida da região através



O casal Sousa, Silvino Felizardo e Maria Olinda, têm a **Gazeta** na sua casa, nos Cabreiros

da **Gazeta**. “**Não compro mais nenhum, nem costumo ler outro**”, afirmou. “**Diz lá as festas que há cá na freguesia e no concelho, que também interessa aos estrangeiros**”, destacou, contando que a neta de 14 anos, “**está em França e já lê a Gazeta**”.

A rubrica Novos Emigrantes “**vai com a realidade, é importante**”. Assim como o Zé Povinho, conforme referiu. “**O Zé Povinho traz umas coisas engraçadas...**”, disse Maria Olinda.

Silvino não presta muita atenção à opinião e à divulgação, mas ao desporto sim. “**Ela não liga ao desporto, eu gosto muito**”, diz.

Por seu turno, Maria gosta mais de temas ligados com sociedade e as ocorrências. “**Política e bola não ligo nada, não é comigo**”, fez questão de afirmar. Ao tentarem imaginar as Caldas sem este jornal, afirmaram que nas aldeias a sua falta se faria sentir mais até que na cidade, porque “**muitas das vezes aqui é a única forma de saber o que acontece**”, afirmou Silvino.

E mudariam eles alguma coisa na **Gazeta**? “**Não mudava nada**”, disse Maria Olinda. “**O que vem está completo, que continuem bem**” completou Silvino. ■

## “A GAZETA É MUITO LIDA NO ESTRANGEIRO”

Isaque Vicente  
ivicente@gazetacaldas.com

Maria e José Augusto Tavares são casados e proprietários das lojas de roupa Maria Tavares (no centro comercial 5 Bicas) e Happy Baby (em frente). Assinaram a **Gazeta das Caldas** há cerca de 20 anos e, daí para cá, têm acompanhado a vida da cidade através deste jornal.

Quando a **Gazeta** chega, à sexta-feira, lêem-na logo na loja. Geralmente, primeiro lê José Augusto. “**Vou ver a primeira e o que me interessa mais e leio essas coisas e depois vou ver as pessoas que partiram, que às vezes é única forma de saber quando os vizinhos partem**”, disse. Já Maria vai “**logo ver os eventos culturais na agenda**”.

“**Os Novos Emigrantes são muito importantes para mostrar aos governantes que os emigrantes têm valor**”, afirmou José Augusto, fazendo notar que “**a Gazeta é muito lida no estrangeiro, em vários países**”.

“**Há muitas coisas que não sabíamos se não víssemos na Gazeta. É um jornal que comunica muitas coisas**”.

Em duas décadas de assinatura, “**só por uma ou duas vezes é que não chegou à sexta-feira, excepto quando é feriado**”, refere, antes de explicar



Maria e José Augusto Tavares acompanham a vida da cidade através da **Gazeta** há cerca de duas décadas

que gosta de “**ler as coisas da terra e saber como está o Caldas**”.

Já Maria destaca que “**soube muita coisa de Óbidos pela Gazeta**”. E recordou uma vez em que “**uma estrada que tinha abatido e que nunca mais era arranjada. Metemos uma fotografia no Correio dos Leitores, saiu na sexta-feira e no sábado estava a ser arranjada**”.

E houve ainda uma outra vez em que pôs “**um anúncio a vender uma casa na Gazeta e ligaram uns portugueses do Luxemburgo que estavam interessados em comprá-la**”.

Sem conseguirem imaginar o que seria as Caldas sem o jornal que comemora hoje 90 anos, referem que este “**é muito importante para a cidade é o mais interessante da zona Oeste**”. ■

## “ABRO O JORNAL E FOLHEIO-O DE UMA PONTA À OUTRA”

Joel Ribeiro  
jribeiro@gazetacaldas.com

António Pedro Fernandes fez uma assinatura da **Gazeta das Caldas** em 1975, quando estava na Alemanha. A família chegou mesmo a ter duas assinaturas, quando António estava fora e Fernanda Coelho, a esposa, estava em Portugal com os filhos do casal. A decisão de assinar a **Gazeta** foi tomada alguns meses depois de António Fernandes ter partido em busca de uma vida melhor para ele e para a família, em 1974. Era a melhor forma de manter contacto com a terra que deixou para trás, Alfeizerão, e de ficar a par de tudo o que por cá se passava, conta a esposa.

Natural da Macarca, no concelho da Nazaré, Fernanda Coelho não conhecia ainda a **Gazeta**. O primeiro contacto foi quando se juntou, algum tempo depois, ao marido no centro da Europa. Assim nasceu o hábito de ler a **Gazeta**, que Fernanda Coelho mantém até hoje. O marido, que está acamado, já não pode ler o jornal, mas Fernanda mantém a assinatura no nome dele.

“**Abro o jornal e folheio de uma ponta à outra, gosto de ver o jornal todo**”, conta. Algumas coisas interessam-lhe um pouco mais que outras, mas não tem uma secção preferida, nem uma de que goste menos. Lê tudo o que lhe chama a atenção e lhe desperta a curiosidade.

“**Até leio o desporto, sou sócia dos Pimpões e gosto de ver quando eles vão às provas, fico feliz quando os resultados são bons e triste quando não são**”, revela. Também gosta de ver quando aparece alguma coisa sobre a sua terra natal, assim como sobre Alfeizerão e Alcobaca, terras que



Fernanda Coelho lê a **Gazeta** desde há 40 anos

lhe são próximas.

“**É uma maneira de saber o que se passa na nossa terra porque as televisões só falam do que acontece por cá quando são desgraças e na Gazeta podemos ler um pouco de tudo**”, refere Fernanda Coelho. “**Gosto até de saber as pessoas que partem da minha terra**”, acrescenta.

Apesar de hoje manter a assinatura em nome do marido, também Fernanda Coelho chegou a ser assinante. Voltou da Alemanha em 1986 com o filho que levou e com a filha que entretanto nasceu em solo alemão, para que estes pudessem prosseguir os estudos em Portugal. Um exemplar do jornal seguia para a Alemanha, outro para a casa que construíram no Arenal, onde ainda residem. Mantiveram as duas assinaturas até 2002, altura em que António regressou em definitivo. Já em Portugal, o patriarca chegou a fazer colecção de **Gazetas** “durante uma quantidade de anos”, revela Fernanda Coelho. “**Lembrava-se das coisas e ia rever no jornal**”, conta.

Fernanda não consegue conceber a nossa região da mesma forma sem a **Gazeta das Caldas**, considera que seria mesmo “**mais pobre**”. ■

## “RECEBO A GAZETA NA SUÉCIA À SEGUNDA-FEIRA, A MEIO DA SEMANA, OU COM SETE DIAS DE ATRASO!”

Maria Beatriz Raposo  
mbraposo@gazetacaldas.com

Com 73 anos, Maria Celeste Rehn recorda-se de ler a **Gazeta das Caldas** em casa, ainda não tinha partido para a Suécia. Na altura, era Fernando Fernandes Samagaio, o seu pai, quem comprava o jornal semanalmente. Um hábito que foi transmitindo à filha, que acabou por tornar-se assinante quando se mudou para Malmö, a terceira cidade mais populosa da Suécia.

Apesar da distância, à qual já se habituou, pois partiu bastante nova, aos 25 anos, Maria Celeste Rehn diz não esquecer as suas origens, acrescentando, aliás, que a família nunca perdeu a ligação às Caldas. “**Muito pelo contrário, os meus três filhos sentem que também são caldenses, gostam das Caldas e sabem as raízes que têm aqui**”, afirmou.

Parte dessa ligação, garante, é estabelecida pela **Gazeta**, que a informa do que acontece nas Caldas e na região.

“**Gosto de ler um pouco de tudo, mais as boas notícias que as más, e saber se algum amigo ou conhecido faleceu**”. A par da vida caldense, está também o marido, a quem Maria Celeste lê os artigos “**mais interessantes**” e que, embora seja sueco, conhece algumas palavras e expressões portuguesas. Caso contrário, a assinante faz a tradução.

O correio nem sempre é pontual e, por isso Maria Celeste tanto pode receber a **Gazeta** à segunda-feira, “**o que é fantástico**”, a meio da semana



**Gazeta das Caldas** falou com Maria Celeste Rehn durante a Grande Regata do Parque, enquanto a assinante esteve de férias em Portugal

ou... com sete dias de atraso! Por esta razão, a caldense gostava que os eventos da Agenda Cultural fossem divulgados com mais tempo de antecedência.

Embora se encontre fora de Portugal, Maria Celeste é uma assinante activa, que demonstra estar a par das iniciativas caldenses. Aliás, conta que foi em virtude de uma das suas visitas à **Gazeta das Caldas** que o jornal passou a fazer a cobertura do mítico Caldas Late Night (CLN). “**Numa das vezes em que ia no avião, encontrei um artigo sobre o CLN, numa revista que estava a ler. Nunca tinha lido nada na Gazeta sobre aquilo, então dirigi-me ao jornal para lhes contar que era uma actividade interessante, que merecia ser noticiada**”, disse.

A propósito do 90º aniversário do semanário caldense, Maria Celeste Rehn elogiou a forma como a “**Gazeta das Caldas tem feito o registo da história das Caldas da Rainha**”. ■

## “QUANDO EU ESTAVA EM FRANÇA A GAZETA MEXIA MAIS COMIGO”

Maria Beatriz Raposo  
mbraposo@gazetacaldas.com

Assinante com o número 50, o caldense Augusto Carlos já recebia a **Gazeta das Caldas** antes de ir viver para França, nos anos setenta. Contudo, foi durante os 21 anos que esteve ausente de Portugal que este assinante ansiava verdadeiramente a chegada do jornal, mostrando-o por diversas ocasiões a familiares e amigos. “**Quando estava lá [França], a Gazeta mexia mais comigo porque era o meu elo de ligação com as Caldas**”, contou. A sua leitura começa sempre pelas páginas da necrologia e do desporto, não fosse sócio do Caldas Sport Clube. Augusto Carlos também acompanha semanalmente a rubrica “**Novos Emigrantes – O Oeste Nos Quatro Cantos do Mundo**” - publicada na segunda página - que considera “**uma óptima iniciativa**” porque se revê naquela realidade: também ele já foi emigrante e sabe quais as dificuldades de estar longe de “casa”.

Ao longo de 17 anos, o caldense levantou-se diariamente por volta das 4h30 da manhã, na altura em que trabalhava como motorista de pesados, até cumprir o seu 50º aniversário. “**Queria regressar a Portugal pelo meu próprio pé, sem ajuda, e com uma idade em que ainda pudesse gozar a vida**”, contou. É que em França, segundo revela, havia pouco tempo para o lazer, pois o dia-a-dia resumia-se a “**trabalho e descanso, para no dia seguinte ir trabalhar de novo**”.

De volta às Caldas da Rainha, Augusto Carlos dedicou-se à produção de flores de corte, um ne-



Augusto Carlos diz que o jornal desempenha um papel importante na comunidade caldense

gocio que manteve por 14 anos, até a chegada da reforma. Hoje, com 74 anos, é membro da Universidade Sénior Rainha D. Leonor e gosta de assistir a espectáculos no CCC ao lado da esposa. Com os olhos postos na **Gazeta das Caldas**, que se encontra em cima da mesa da sala, o assinante elogia o papel “**importante que o jornal desempenha na comunidade caldense e a forma como se tem vindo a modernizar**”, acrescentando que “**não são todos os jornais locais que atingem uma cota tão elevada como os 90 anos**”. No entanto, lamenta também os atrasos na entrega do jornal, que muitas vezes só chega ao correio na segunda-feira, em lugar de sexta. “**O mais engraçado é que em França, que está muito mais longe, o recebia quase sempre antes de terça-feira**”. ■

## “TENHO A MESMA IDADE DA GAZETA DAS CALDAS”

Natasha Narciso  
nnarciso@gazetacaldas.com

Francisco Crespo é caldense e completa este ano, tal como este semanário, 90 anos (no próximo mês de Dezembro). Nasceu, pois, no mesmo ano em que a **Gazeta das Caldas** dava os primeiros passos.

“**Gosto mesmo muito da Gazeta!**”, comentou o nonagenário. Este semanário, diz, obtém a sua preferência “**por causa da sua orientação política de esquerda**”. Assim que chegou de Angola, há 40 anos, fez-se logo assinante deste semanário. E lia-o em casa e também no estabelecimento comercial que abriu, de regresso à sua terra natal. Chamava-se Barbearia Arte Nova, mas o estabelecimento era mais conhecido como a Barbearia do Crespo.

É só a **Gazeta** que recebe na sua casa, mas diz que também lê o **Jornal das Caldas** quando vai ao Posto de Leitura da Biblioteca, situado na Praça.

A primeira coisa que lê no jornal é a necrologia “**para ver se há alguém conhecido**”. Antes, recorda, “**batíamos à porta uns dos outros para avisar do funeral mas agora já não se usa essa prática, logo tem só sabe quem partiu, através da Gazeta**”.

Vistos os que já partiram, “**vou logo ler o que diz o Zé Povinho**”, disse referindo-se à rubrica que sai invariavelmente na última página e salienta os que se destacaram naquela semana de forma positiva e negativa.

Depois Francisco Crespo vai lendo os títulos, dando mais atenção ao que mais lhe importa e “**vou de princípio a fim**”, disse. Também aprecia o desporto pois quando era novo também praticava atletismo.



O caldense Francisco Crespo diz que gosta do novo aspecto gráfico do jornal e que este está mais colorido

O nonagenário considera “**boa**” a evolução que o jornal tem sofrido pois “**creio que mudou nos últimos tempos. Gosto do novo aspecto gráfico e também está mais colorida**”.

Francisco Crespo considera que o jornal “**trata muito bem os assuntos da região**” e como tal, vai manter-se fiel ao semanário da sua preferência, que recebe desde sempre na sua caixa do correio.

A **Gazeta** nunca lhe deu motivos para se aborrecer e acha mesmo que se este semanário não existisse, “**Seria uma enorme perda para a nossa cidade**”. Principalmente para as pessoas que, sem a **Gazeta** “**não tinham como saber o que se passa nas Caldas e na região. Seria algo muito triste**”, disse. Mas não é só o nonagenário que lê o jornal. Também a sua esposa, Irene Luis, de 88 anos, que é de S. Gregório adora “**ler tudo**” o que a **Gazeta** propõe semanalmente aos seus leitores. O casal tem dois filhos. Um vive em Aveiro, mas a filha mora nas Caldas e também assina a **Gazeta**. ■



“ESTE É UM MEIO INFORMATIVO QUE É DO MELHOR QUE NÓS TEMOS”

Fátima Ferreira  
f.ferreira@gazetacaldas.com

Natural de Lisboa, Esperidião Sabino dos Santos Sobral veio para as Caldas em 1947, com 13 anos, na companhia dos pais e irmãos. A terra onde namorou e casou é também a eleita do seu coração. Mais tarde, aos 39 anos rumou até à Alemanha onde trabalhou vários anos na panificação. Foi exactamente nos primeiros tempos de emigrante, sozinho em Osnabruck e com muitas saudades de casa, que se tornou assinante da **Gazeta das Caldas** para ir acompanhando, à distância, o dia-a-dia da sua terra.

Desde então e até agora, o jornal tem sido uma companhia constante na sua vida.

A **Gazeta das Caldas** chegou à vida de Esperidião Sobral quando estava emigrado na Alemanha, em meados da década de 70 do século passado. Caldense de coração, partiu para a Alemanha em 1973 em busca de melhores condições de vida, mas as saudades da sua terra levaram a que numas das férias em que regressou para visitar a família se tornasse assinante da **Gazeta**.

“E é assim até hoje” diz o nosso leitor. “[A **Gazeta das Caldas**] foi sempre a minha ânsia de espera”, lembra, acrescentando que quando recebia o jornal em Osnabruck a primeira coisa que procurava era pela página da necrologia, um hábito que ainda hoje mantém. “Nesse tempo a **Gazeta** anunciava e dava muita ajuda para enviarmos os pésames, porque ia o nome do defunto e a morada onde residia”, recorda o assinante que chegou a escrever aos familiares de amigos a prestar os seus sentimentos.

Esperidião Sobral foi sempre um apaixonado pelo desporto e era nas páginas da **Gazeta** que se ia atualizando. Depois, conta, acabava por ler o jornal de fio a pavio. “Gostei sempre muito de ler a **Gazeta** e ainda hoje gosto, da maneira como isto está, este jornal tem sido muito radical!”.

Nunca se zangou com a **Gazeta**. Foi sempre fiel ao jornal e



Esperidião Sobral assina a **Gazeta** desde meados da década de 70, altura em que foi para a Alemanha

nunca deixou de o ler. Por vezes chegou a sentir-se “pesaroso”, com o atraso na sua recepção, mas outras vezes chegou a ter “o privilégio” de o receber primeiro do que, por exemplo em Alfeizerão, devido aos atrasos na entrega por parte dos Correios.

“Achava graça que eu, a mais de 2000 quilómetros das Caldas, recebia ao sábado, enquanto que lá, por vezes apenas a recebiam à segunda-feira”, recorda.

Agora, normalmente, quando vai passar alguns meses a Osnabruck (onde mantém residência) Esperidião Sobral pede aos serviços administrativos da **Gazeta** para a mandarem para lá. É nesta cidade alemã que residem os seus três filhos e oito netos. Alguns deles chegam também a ler o jornal, mas são “leitores esporádicos”.

As Caldas sem a **Gazeta** seria diferente, disso não tem dúvidas. “Este é um meio informativo que é do melhor que nós temos”, refere Esperidião Sobral, destacando que a informação é muito importante para as sociedades.

O assinante número 88 lê tudo na **Gazeta**, mas lembra com “interesse” as lutas que chegou a haver entre a Câmara das Caldas e este jornal, que agora comemora 90 anos de existência. “Era informado de tal maneira que ficava elucidado do que se estava a passar”, conta Esperidião Sobral que confessa ser pouco amante de política. ■

“EM CASA TODOS LEMOS A GAZETA E ÀS VEZES OS VIZINHOS TAMBÉM ME PEDEM”

Joel Ribeiro  
j.ribeiro@gazetacaldas.com

Célia Tavares tem 42 anos e é assinante da **Gazeta das Caldas** há mais de metade desse tempo. Antes já comprava o jornal.

Tinha mais ou menos 20 anos quando fez a assinatura. Quando tirou a carta de condução, vinha à cidade e comprava cada edição na sede da **Gazeta** para se manter informada do que se passava na região. Fazer a assinatura acabou por ser um passo natural de leitora assídua. “Por um lado nem sempre posso vir à cidade, por outro é mais cómodo assim, recebo o jornal todas as semanas em casa”, salienta a nossa assinante, que reside no Vale Serrão, na freguesia de Alvorninha.

As estatísticas dizem que por cada assinante o mesmo exemplar tem quatro leitores. No caso do que segue para casa de Célia Tavares o número pode ser um pouco maior. “Não sou só eu a ler, em casa todos lemos e às vezes os vizinhos também pedem para dar uma olhadela” quando ouvem falar de uma ou outra notícia que lhes desperta curiosidade, conta Célia Tavares. Célia começa por ver os destaques da primeira página, depois folheia para ver “as gordas” e segue para a necrologia.

Lê o que lhe atrai em cada número, não tem preferência por nenhuma das secções, nem tirava nenhuma das que existem. Acha “engraçados” os cartoons de Bruno Prates. Também destaca a rubrica Ontem e Hoje que ilustrou a página 2 da **Gazeta** até há cerca de um ano. “Gostava de ver aquelas fotografias com os locais como eram antes, completamente diferentes do que são hoje”, refere.

Célia Tavares nunca se zangou com a **Gazeta**, embo-



Célia Tavares já comprava o jornal antes de fazer a assinatura

ra tivesse havido uma fase em que o jornal chegava frequentemente atrasado. “Actualmente tem chegado sempre a horas, muitas vezes é o único dia que o carteiro traz correio”, comenta.

A única coisa que talvez mudasse é a agenda cultural. E explica: “Só se sabe dos eventos culturais muito em cima do dia em que vão acontecer e por vezes quando damos por isso esses eventos já passaram. Era bom que fosse publicado com mais antecedência, mas se calhar também não é responsabilidade do jornal”.

Célia Tavares trabalhou muitos anos numa unidade fabril da Ribafria, de onde saiu por ter salários em atraso. Quando estava desempregada fez um curso de geriatria e foi nessa área que encontrou um novo emprego, no apoio domiciliário da Associação de Educação e Solidariedade de Salir de Matos. Os dois empregos são completamente diferentes. “Estava fechada numa fábrica, passei para um trabalho em que estou maioritariamente na rua e em contacto com as pessoas”, descreve. Gosta, por isso, mais deste novo desafio, que nem sempre é fácil, “mas é recompensador quando recebemos um simples sorriso dos utentes”. ■

Pub.

## Somos o Banco de CÂ



Parabéns

Um Parceiro ao seu lado...apoando a Usseira desde 1984



# Ferreira da Silva, um amigo de décadas da *Gazeta das Caldas*

Natasha Narciso  
nnarciso@gazetacaldas.com

Luís Ferreira da Silva nasceu no Porto em 1928, mas há muito que o seu coração pertence ao Oeste e às Caldas da Rainha. De espírito irreverente e multifacetado, Ferreira da Silva, além da cerâmica, dá cartas em outras áreas como o desenho, a gravura e a escultura nos mais diversos materiais, desde o metal até ao vidro. É, aliás, na assemblage de materiais que se sente melhor, tal como é possível constatar em várias das suas obras, que marcam a sua vertente experimental e que lhe trouxeram reconhecimento.

Mestre Ferreira da Silva foi distinguido logo no início da sua carreira com o Prémio Nacional de Escultura Soares dos Reis em 1964. A sua formação começou na Escola Técnica Avelar Brotero, em Coimbra. Nos anos 40 do século passado, encontramos este autor a trabalhar na Cerâmica Bombarralense, no Bombarral. Seguiram-se alguns anos em unidades de cerâmica de Alcobaca até que, em 1954 integra a equipa da Secla.

Foi nesta fábrica que criou o "Curral", um estúdio de design e de produção onde fez obras únicas que



As peças concebidas pelo artista para o 90º aniversário da *Gazeta*

serviram de modelo para peças destinadas ao estrangeiro.

Foi também bolseiro da Gulbenkian em Paris onde assistiu ao Maio de 68. Regressa a Portugal e após algumas experiências em empresas de cerâmica na Benedita e no Porto, retorna à Secla na década de 80. É nesta altura que passa também a colaborar com o Cencal. Nesta instituição tem sido formador e autor de vários projectos especiais, como a decoração azulejar de todo o

edifício.

Em 1999 Ferreira da Silva passou também a ter um relacionamento especial com a Molde, unidade cerâmica caldense, onde criou várias das suas peças de cerâmica, sobretudo os projectos que mais gosta, de grande escala. Nesta fase criou também a peça dos 75 anos da *Gazeta das Caldas*.

Em 2001 a autarquia caldense reconheceu o seu mérito e atribuiu-lhe a medalha de ouro da Cidade e vol-

vidos nove anos, o Presidente da República, Cavaco Silva, agraciava-o com a Comenda da Ordem de Mérito.

A sua criatividade e produção profícua está bem patente no documentário do realizador caldense Miguel Costa "Em teu corpo meu corpo" (de 65 minutos) que reúne conversas com o autor, entrevistas de profissionais e amigos deste artista plástico.

Carismático, trabalhador incansável

e apaixonado pela arte, Ferreira da Silva é o principal autor de obras de arte pública na cidade. Destacam-se as intervenções exteriores do Jardim d'Água (junto ao Hospital) e "Orfeu e Euridice" (na passagem desnívelada do largo da Vacuum). Mas um pouco por todo o lado, há um traço deste artista que se inspira em temas locais como a água ou os mitos fundacionais para dar vida às obras espalhadas em vários edifícios como no Cencal, nos Paços do Concelho, no CCC, na sede da OesteCim e no café Populos. Estas e outras obras vão constituir-se, em breve, numa Rota Ferreira da Silva, segundo anunciou a Câmara das Caldas. A ideia surgiu após ter sido feito com alunos da Escola da Hotelaria do Oeste um percurso pelos locais da cidade onde há obras deste artista.

Esta iniciativa - que uniu aquela escola, o Cencal e a *Gazeta das Caldas* - serviu para os estudantes se inspirarem nas obras que viram para criar iguarias culinárias, criativas e coloridas. A amizade entre Ferreira da Silva com a *Gazeta das Caldas* é longa e profícua. É aliás este artista plástico que tem vindo a assinalar, com obras de cerâmica originais, os aniversários mais significativos deste jornal, aludindo nas suas obras,

à simbologia ligada ao papel dos meios de comunicação social e também aos símbolos da paz como a pomba.

Agora, com a *Gazeta das Caldas* a celebrar o seu 90º aniversário, o irreverente artista continua a provar que a idade não o impede de continuar a sua busca por novos caminhos e volta a surpreender-nos com uma peça original.

Em 2009, este autor foi homenageado pela autarquia com uma exposição de obras que fazem parte do espólio autárquico e com a decisão de criar uma Casa Museu, com o apoio do IPL, dedicada a este artista. Mas o próprio deixou o alerta em entrevista à *Gazeta*: "**Não suporto museus, acho que são sarcófagos, prefiro mil vezes realizar arte pública**" (edição de 23 de Dezembro de 2010).

Um ano depois, levantou-se a hipótese deste espaço ser construído junto às instalações do Cencal, espaço onde o artista poderia continuar a desenvolver o seu trabalho criativo. A crise deixou em suspenso estes projectos que pensamos que possam em breve ver luz, tal como aquela que continua a servir de inspiração para este multifacetado artista. ||

Pub.

## AGÊNCIA NEVES

### Serviços funerários

60 anos de actividade

loja e escritório:

**Rua Alexandre Herculano**  
(antiga rua do Jardim)  
**CALDAS DA RAINHA**

Contactos:

**262 834 536**  
**963 090 605**  
agencianeves@gmail.com





## Parabéns casa-berço

A minha paixão pelo jornalismo nasceu na **Gazeta das Caldas**. Tinha 19 anos e o aparente infortúnio de não ter entrado nesse ano para a universidade revelou-se uma janela de oportunidades para descobrir o que queria ser quando fosse grande. No verão, mal acabei o liceu, experimentei ser animadora cultural e guia turística no Hospital Termal e em circuitos com os termalistas pela região. Mas aquele não era o meu caminho. Também senti atração pelo teatro, fazendo parte do elenco de uma peça do Teatro da Rainha - "O Arlequim Polido pelo Amor" - que me tentou conquistar para a carreira artística. Mas a passagem pela **Gazeta** não me deixou dúvidas de que o que eu queria ser mesmo era jornalista.

A memória é selectiva e o que cada um regista é ape-

nas fruto da sua própria construção. Lembro-me de a minha primeira reportagem ter sido sobre um circo decadente que assentara arralrais na cidade e de, ao ver em quão mau estado eram mantidos os ursos, ter tido pela primeira vez a consciência de que deveria surgir uma lei a proibir o uso e abuso de animais para entretenimento. Lembro-me de uma série de trabalhos/entrevistas que fiz com especialistas médicos e de numa delas, feita num sábado de manhã depois de uma noite mal dormida, quase ter desmaiado ao assistir ao momento em que um pediatra tirava sangue para análise a um bebé recém-nascido. Lembro-me das chamadas de atenção do Zé Luís sobre erros nos meus textos, dando-me as primeiras lições de jornalismo. Lembro-me do orgu-

lho que sentia ao fazer parte de uma equipa que era a oposição ao caciquismo numa cidade conservadora. Durante os quatro anos de faculdade ali continuei a trabalhar aos fins-de-semana e nas férias e não me lembro de isso me custar. Foi com a tarimba na **Gazeta** que obtive a carteira profissional de jornalista. Foi com o meu portefólio de trabalhos na **Gazeta** e noutras publicações que me apresentei para um estágio no **Expresso**, este outro grande jornal onde trabalho há 20 anos. Esta profissão é uma permanente aprendizagem e a minha começou na **Gazeta**. E continua. Parabéns **Gazeta das Caldas** pelos 90 anos de história e de histórias. Que venham muitos e muitas mais. ||

Carla Tomás

# A minha experiência na **Gazeta das Caldas**

"Olá, sou o Caldas, João das Caldas." Era assim que eu era conhecido na faculdade, por não parar de falar da 'minha' cidade. A minha paixão pelas Caldas da Rainha, essa bela localidade, no coração do Oeste português (já Jim Morrison dizia sobre a sua Califórnia, "The west is the best"), era antiga mas intensificou-se. Primeiro como leitor da **Gazeta das Caldas** (desde tenra idade), depois como jovem colaborador, um período em que cresci como pessoa e jornalista.

A primeira paixão geográfica é a da terra onde vivemos. Isso aconteceu logo a partir da Primária (do Bairro da Ponte). Já na Raul Proença um dos principais trabalhos que fiz foi sobre as termas das Caldas - com direito a entrevista ao director do Hospital Termal (um puto de uns 14 anos a entrevistar um director...) - e talvez tenha sido a primeira vez que fiquei preocupado com a cidade que considerava minha. Havia já na altura o sério risco das águas termais deixarem chegar perto da superfície. As minhas colaborações com a **Gazeta** começaram pela mão do José Luís tinha eu uns 20 anos e cedo percebi que era mais difícil (mas também mais importante) ser jornalista de um jornal local do que eu pensava. O Carlos Cipriano foi um verdadeiro mestre e uma boa inspiração - já na altura era ele o especialista do Público em transporte ferroviário. Também aprendi a observar

jornalistas como o Rui Tibério, a Natacha Narciso ou a Fátima Ferreira.

Fiz algumas reportagens de denúncia, como o caso inexplicável do abandono sem fim à vista do Estúdio Um. Conte a história do local mas percebi que, naquilo que incomoda (e é de difícil resolução), havia uma parede quando se confrontava o poder político.

Aí percebi que o jornalismo local, de proximidade, é uma arma para manter os gestores das cidades em sentido, mas também uma forma de dar conforto, conhecimento (geral, actual e histórico), cultura e espírito de comunidade a quem vive na zona. É através de um veículo tão marcante e antigo como a **Gazeta**, a "nossa" **Gazeta**, que nos tornamos (ou sentimos) verdadeiramente caldenses - e orgulhosos caldenses.

Lembro-me de assistir a partir da estação de comboios, já pelas 2h da manhã, em conversa com amigos (um deles vivia mesmo na estação), ao abandonar de um cadáver no meio da avenida. Um homicídio nas Caldas (de um jovem brasileiro)! Transformar aquilo em artigo à pressa (para entrar na próxima edição) foi um desafio emotivo.

O meu principal trabalho nos meses de Verão de 2001 e 2002 - de pausa na faculdade - consistia em fazer uma rubrica com turistas e caldenses sobre eles e a sua rela-

ção com a cidade - não faltavam os conselhos para melhorar. Passei a conhecer melhor a cidade, quem a visitava e os próprios caldenses com as perguntas simples da rubrica.

Dois anos depois, em 2004, já andava em estágios pelo Público e TSF e, a partir de Lisboa, com o aval do Cipriano, comecei uma rubrica com nome de livro sobre o pintor José Malhoa, que encontrei na Gulbenkian num trabalho que fiz para a faculdade (as Caldas andaram sempre 'comigo'). O nome? Um caldense à conquista de Lisboa. Entrevistei dessa forma o presidente na altura do INFARMED, Higuinaldo Neves e o director da TSF na altura, José Fragoso.

Queria ter continuado com a Ana Sá Lopes (jornalista), o Vítor D'Andrade (actor), entre muitos outros, mas infelizmente parei. Hoje teria ainda mais caldenses para entrevistar. Há mais caldenses hoje em Lisboa (e a ter sucesso) do que nos anos 90 e início de 2000.

Para terminar, parabéns e um agradecimento especial à **Gazeta** e aos seus 'obreiros' pela longevidade e



pela épica missão de nos fazer apaixonar pela cidade onde vivemos: a cidade da bondade da rainha Dona Leonor; da criatividade e malandrice do Zé Povinho-Bordallo Pinheiro; do humanismo de quando o Hotel Lisbonense foi centro de acolhimento de refugiados em fuga ao nazismo; do talento de costumes e tradições do José Malhoa; dos passeios tresloucados do escritor Luiz Pacheco; a nossa cidade. ||

João Tomé

Pub.



Vem conhecer as vantagens que temos para TI

## Pack Estudante

O exercício físico é uma "disciplina" à tua saúde



Rua Tenente Sangreman Henriques Nº 12 B - ao lado da Farmácia Maldonado  
Telefone: 262 282 401 / E-mail: bestlifefitness1@gmail.com / www.facebook.com/bestlifefitness1

## DR. RUI SALRETA

### MÉDICO OFTALMOLOGISTA

Chefe de Serv. Hosp. de Oftalmologia

#### NOVOS ACORDOS

**Acordos - Consultas:** Advance Care, Allianz, CliniCard, HealthCare Assistance, Future HealthCare, Medicare, Montepio Rainha Dª Leonor, SAD-P.S.P., RNA, Saúde Prime, Servimed, Bombeiros Voluntários e Cruz Vermelha Portuguesa (extensível a familiares do 1.º Grau).

**Acordos - Cirurgia:** ADSE, ADMG, Advance Care, Allianz, CliniCard, CGD, Médias, Medicare, Multicare, SAD-P.S.P., RNA, Saúde Prime, Servimed, SAMS Centro, SAMS Quadros, SAMS SIB e PT ACS.

**CORRECÇÃO POR LASER (LASIK):**  
**MIOPIA, ASTIGMATISMO E HIPERMETROPIA**

(ACORDOS: ADSE, ADVANCE CARE, CGD, EDP-SÁVIA, SAD-P.S.P., SAD-GNR, SAMS Centro, Quadros e SIB)

**Consultório: Rua Raúl Proença, n.º 59, 1.º Esquerdo, 2500 - 248 Caldas da Rainha**  
**Marcações : 262 842 420 / 96 645 9946**

## MATRÍCULAS ABERTAS !!



### ESCOLA DE LÍNGUAS

#### ANO LECTIVO

#### 2015 - 2016



**Rua das Montras, 21 1º E**  
**Caldas da Rainha**  
**Telfs: 262843864 / 917955526**

# As fotos de Valter Vinagre na Gazeta na década

A publicação de forma banalizada de fotografias na Gazeta das Caldas é relativamente recente na história do jornal. Durante muitas décadas as imagens era raras ao contrário do que acontecia nos grandes periódicos nacionais. Nessa altura as fotografias tinham de ser enviadas para Lisboa para se fazerem zincogravuras que permitiam ser impressas na tipografia da Gazeta.

É a partir de 1981 com a mudança para o off-set que passa a ser mais fácil publicar fotografias no jornal. Inicialmente a preto e branco e só mais tarde a cores.

A colaboração de Valter Vinagre com a Gazeta das Caldas data do início dos anos noventa quando este faz as primeiras reportagens e fotografa eventos, personalidades, ou simplesmente o quotidiano da cidade. Na altura predominava o preto e branco, os rolos eram revelados manualmente e depois as fotos enviadas para uma tipografia que chegou a ser em Torres Vedras e em Rio Maior. Nessa altura ainda não se falava no digital nem se sonhava o quão fácil viria a ser tirar fotografias. Da década de noventa possui a Gazeta das Caldas um interessante espólio de fotografias de Valter Vinagre que hoje aqui republicamos em jeito de recordação. ■ C.C.



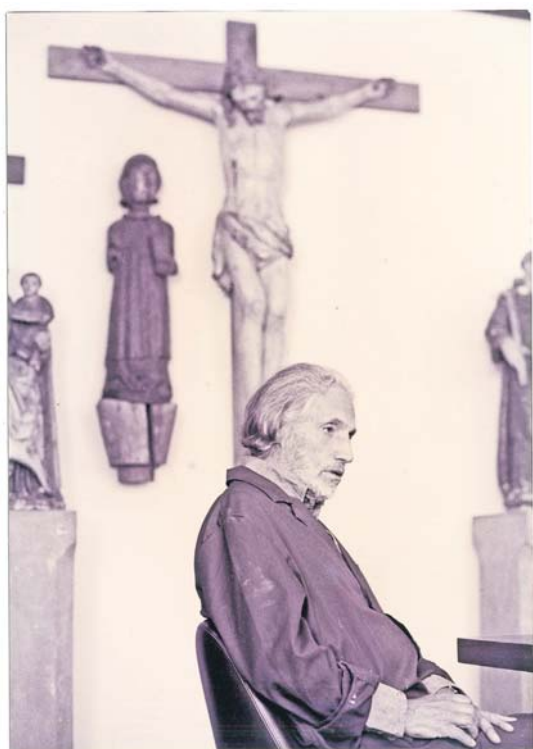
Foz do Arelho - Junho 1993



Manifestação por Timor - Março 1999



III Concurso de Dança de Salão dos Pimpões - Outubro 1993



Escultor João Fragoso - 1993



Quarteto de Saxofones no Museu Malhoa - Novembro 1992



# de noventa



Rodagem do filme "Sinais de Fogo" no Bombarral - 1994



Praça da República - Janeiro 1991



Escultor António Duarte - 1989



Taraio - Julho 1994



# Recordando os 13 anos de existência do suplemento Pela Vida (Informação e Coordenação Ecológica)

Em Junho de 1976 publicava a **Gazeta das Caldas** sob o título Dossier Centrais Nucleares um artigo histórico, escrito pelo grupo de Estudos #Viver é Preciso #, dinamizado pelo histórico e empenhado militante ecologista José Carlos Marques, um artigo titulado "Somos todos moradores de Ferrel".

Este artigo incisivo, cheio de referências e recomendações científicas, marcando uma posição clara contra os Velhos do Restelo (já na altura e antes dos principais grandes acidentes a nuclear era cara, perigosa e ambientalmente mortífera) e estabelecendo uma posição intransigente face à delapidação do nosso património.

Nesse artigo são referidos alguns dos então, poucos, mentores da ecologia em Portugal. Afonso Cautela, Delgado Domingos, Rocha Barbosa ou António Carvalho ou Alberto Martins de Andrade, que hoje com gosto aqui homenageamos, pois com a CALCAN e uns outros bravos e a população de Ferrel e uns poucos (havia poucos...) ecologistas derrotariam esse projecto das trevas na nossa região.

Mas embora a origem do PELA VIDA esteja nesse texto e no empenho de sempre do director da **Gazeta** na divulgação e informação sobre as questões e lutas pelo ambiente, o primeiro número do Suplemento só viria a ser publicado em Novembro de 1977, com chamada em editorial à 1ª página "Vida há só uma..."

Mais de 300 páginas de jornal (está publicada uma recolha de quase todos os números (10 anos de Luta Ecológica), 2000 exemplares já esgotado todavia) foram publicadas e o Pela Vida e a **Gazeta** estiveram na frente do Festival Pela Vida e Contra o Nuclear de 21 e 22 de Janeiro de 1978, que marcou e constituiu também a viragem da ideia peregrina deste empreendimento em Ferrel. Haveria de aparecer a sua sombra noutros locais mas estivemos sempre aqui vigilantes.

O suplemento, como carinhosa-

mente o designávamos nos meios ecologistas fez história noutras questões mantendo quase até ao seu final os temas da energia e da nuclear como centrais, seja a preocupação para com as centrais ibéricas, além de informação sobre todas a nível mundial, dada a nossa articulação com várias redes, ou a questão das minas de urânio, logo em 1980, mas também as questões das zonas húmidas, e a Lagoa de Óbidos ou o Paul, ou das áreas protegidas, até temas na altura pouco falados como o ruído ou os problemas ambientais (que havia quem negasse!) na U.R.S.S....

Os grandes debates dentro, entre o, na altura vivo, movimento ecologista (o ambientalismo é uma moda posterior para disfarçar o empenho político e social de base na ecológica!) estão tratados exaustivamente.

E já em 1982 relatávamos um acidente na central de Almaraz! ainda hoje, já passado o seu tempo de vida, a funcionar, com elevadíssimos riscos!

Ações hoje só lembradas pelos participantes, que lhes valeu defenções, como a invasão pacífica do hemiciclo da Assembleia da República, pelos AMIGOS da TERRA ou a entrega de um balde de lixo pessoalmente ao embaixador inglês, em protesto contra os lançamentos radioactivos nos oceanos, bem como relatórios (secreto!) do Banco Mundial sobre (contra!) a nuclear foram dados à estampa, quase em exclusivo no Pela Vida.

A partir do Festival de 1978 a minha colaboração neste, assim como com a **Gazeta** tornou-se cada vez mais permanente.

Recordo também o tema dos pesticidas que tinha sido objecto de dossier, meses antes do desastre terrífico de Bhopal aqui mencionado com fotos!

Colaborações da Greenpeace na luta pela defesa dos mares e pelo fim da caça à baleia nos Açores e sua reconversão (que na altura tinha a oposição da L.P.N.), e o atentado do Rainbow Warrior, onde morreu o fotógrafo portu-

guês Fernando Pereira, foram temas, também.

Impossível não referir dois dossiers sobre a Ria de Aveiro (base para a protecção de algumas áreas desta), a lixeira atómica prevista para Aldeavilla (base para a argumentação do Estado português em Bruxelas!). A partir do número 65 e até ao último o número 68, com a informatização e a amistosa colaboração do Paulo Soares saímos com nova cara. Na altura com a tiragem do Pela Vida (incluído na **Gazeta**) já era superior a 7.000 (havia cerca de 2.000 a mais do que o jornal) e nesses últimos quatro números (que constituíam uma revistinha) colaboraram muitos notáveis do nosso ambiente e sociedade, José Januário, Agostinho da Silva, Ana Sá Lopes, Paul de Graauw, Jorge Paiva, Nuno Ribeiro da Silva, entre tantos outros.

Hoje a recolha da história do movimento ambiental e ecologista em Portugal tem que passar pelo Pela Vida, que tem o seu último número em Setembro de 1989.

Na altura o movimento ecologista ou já tinha sido co-optado pelas estruturas do Estado ou já estava em vias de se institucionalizar e burocratizar num percurso que conduziu à sua quase inexistência actual, embora personalidades de alta qualidade tenham aparecido na cena ambiental nacional e outros grupos se tenham tentado afirmar.

## ENCUENTRO ANTINUCLEAR

Navalmoral de la Mata  
Viernes 4 de Septiembre, 2015



Y después de Almaraz ¿qué?  
Por un calendario de cierre de todas las centrales nucleares  
19,30 - 22,30 h. El Jardincillo y calle peatonal

Mesa Redonda, con Raquel Montón (Greenpeace), Paco Castejón (Físico Nuclear de Ecologistas en Acción), Chema G. Mazón (ADENEX), Antonio Eloy (Energías Alternativas de Portugal), Juancho López Uralde (EQUO), Cote Romero (Plataforma por un Nuevo Modelo Energético)

Concentración antinuclear, Música, Pasacalles de las Ánimas Radiactivas



### FORO EXTREMEÑO ANTINUCLEAR

ADENEX, Ecologistas en Acción, IU Extremadura, Equo, Podemos Extremadura, CGT, CNT, Extremadura Sana, Tiritanas, Iniciativa Feminista, Iniciativa Ciudadana Villanueva de la Vera, Reacciona Talaverauela



A **Gazeta** ao longo dos seus 90 anos sempre esteve atenta aos problemas do território. O tempo do Pela Vida marca nesses um período rico, nos conflitos, nas ideias, nas concordâncias nas amizades. Como dizia num dos números, citando Nietzsche, "Os

homens engrandecer-se-ão mas nessa altura estarão sozinhos. Então, o instinto místico lançá-los-à em busca de um amigo". Por fim, chama-me a atenção o José Carlos Marques para o facto do Pela Vida ser anterior à sua existência na **Gazeta**. De facto era

com esse epigrama que a partir de Lagos o Zé Carlos circulava pelos grupos e pessoas da área ecologistas circulares sobre a nuclear e temas conexos. Aqui fica para registo. ||

António Eloy

Pub.

**LIDER MUNDIAL**  
**A ORIGINAL**  
**A PIONEIRA**  
**não+pejo**

**Caldas da Rainha - 924 126 039**  
**Mafra - 926 853 366**  
**Torres Vedras - 965 851 370**

**ADSFAN**  
Associação de Desenvolvimento Social da Freguesia de A-dos-Negros

**ESTRUTURA RESIDENCIAL PARA PESSOAS IDOSAS | Lar de Idosos**

A ERPI da ADSFAN garante os serviços de alimentação, higiene, conforto, saúde e bem-estar, com acompanhamento permanente. E proporciona aos utentes actividades de desenvolvimento sensorial, criativo e motor.

Estrada da Fonte Santa, nº2 - 2510-321 A-dos-Negros  
tel. 262 958 799 • telm 910 689 434 • fax 262 950 545  
adsfan@sapo.pt • adsfan.webnode.pt

**Restaurante Snack - Bar**  
**Cidade D'Aboborica**

Coordenadas GPS 39.343591, -9.199559  
Rua Dr. Formosinho Sanches, 12  
927 233 355  
2510 - 414 Amoreira - Óbidos